



## **A IMPRENSA NASCENTE DO NORTE DE MINAS E A CONSTRUÇÃO DE CIVILIDADE E MEMÓRIA PARA O POVO - BREVE ANÁLISE DO JORNAL "O CORREIO DO NORTE"**

**José Vinícius Peres Silva<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho é uma reflexão do processo comunicativo e de informação acerca do primeiro Jornal da região do Norte de Minas Gerais, no final do século XIX. Para isto, analisei a partir de um embate entre as memórias produzidas e instituídas deste jornal com as realidades vividas pelo povo deste período. A partir dito utilizei os códigos de postura e as matérias voltadas para a população.

**Palavras-chave:** Imprensa, Civilização, Modernidade, Memórias.

### **INTRODUÇÃO**

Na primeira edição do jornal "*O correio do Norte*" em Montes Claros, no dia 24 de Fevereiro de 1884, foi descrito o então novo jornal como um "grande ganho" para a população do Norte de Minas Gerais, sendo que várias frases motivadoras deste texto inicial chama atenção para termos como "moderno" e "civilizador", que posteriormente foram muito recorrentes em todas as edições do Jornal. A partir disso identifiquei no corpo dessa edição termos como "terá, igualmente por objetivo, ligeiras noções sobre conhecimento úteis ou outro qualquer atividade" e ainda citando processos de agricultura como; "Compreenderá, além disso, a descrição de processos agrícolas, tendentes a melhorar a lavoura e aplicáveis às culturas usáveis, ou que possam ser introduzidas, com sucesso e vantagens" e o mais surpreendente é a postura diante o papel do jornal que "o aparecimento de mais ainda modesto e cooperador desses obreiros do progresso, é um fato digno de estímulo, por parte de quem pensa o futuro da pátria e não recusa contingente a prosperidade dela" (*O correio do Norte*, 1884, p.1).

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de graduação de História da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES [emailzevinicius1@hotmail.com](mailto:emailzevinicius1@hotmail.com)

É com muita clareza que o jornal se situa enquanto produtor do progresso e do conhecimento, mas porque desta clareza, ou como esse processo de modernização e progresso que o periódico retrata no seu início é tão importante.

Talvez há um ligamento preciso sobre este jornal com outras imprensas feitas na época? Sobre esta perspectiva venho problematizar essas questões de civilização e modernização acaba sendo frequentes no próprio jornal. Sendo assim o presente trabalho, objetiva em retratar essa construção de ideias e sentidos para o povo do Norte de Minas. Retratando como essas ideias de civilização e modernização dos costumes, progresso e da agricultura foram importantes nas páginas deste jornal.

## **O CORREIO DO NORTE E O PROCESSO DE MODERNIDADE E CIVILIZAÇÃO**

Conforme Rejane Meireles Amaral Rodrigues (2013) aponta, existiram diversos meios de um jornal produzir memória sobre a cidade e o campo, transformando essa região em atrasada ou moderna de acordo como momento que convém. Foram analisados por ela modos de vida e práticas antigas que a imprensa indica com atraso tentando criar novas memórias para os moradores da cidade. Para identificar essa concepção dualista entre as relações de campo e cidade, Rodrigues (2013) aponta diversos pontos que contribuíram para pensar e propor a modernidade, como é o caso de obras públicas, a ferrovia, por exemplo, que ocasionaram em uma construção ideológica de que a cidade de Montes Claros era moderna e até mesmo industrializada.

Outra obra fundamental para pensar essas questões foi a dissertação de Fabiano Cordeiro César (2013) que analisa no mesmo período de minha pesquisa o “Correio do Norte” e também o jornal “Montes Claros”. Ele descreve informações que são bem pertinentes para se pensar modernidade e Imprensa. Um exemplo dessas passagens é quando ele retratou várias práticas datadas atrasadas pelo Correio do Norte, sendo um trecho na edição 49 do ano de 1884, que os meninos das cidades percorriam nus pelas ruas encontrando cachorros doentes para sacrifícios. Estas passagens é fundamental para perceber as produções do jornal que iria construir ideias de civilidade, já que no Jornal desta edição sugere para que os cães deveriam ser mortos por "bolas envenenadas" e não por crianças naquele estado. Portanto, percebo que a Imprensa de Montes Claros, ou Norte Mineira, retém em sua produção um grande ideal de progresso

e modernização, algo destinado a formar e construir novas memórias para as populações dessa região.

Ainda, repensando a produção de César (2013), onde ele pesquisou esse processo civilizador como um conjunto de relações com a época no qual a pesquisa estar inserida. Para ele, foi com uma maior intervenção do estado na vida privada das pessoas que a imprensa suscitara tal ideologia de civilidade. Ele exemplifica por meio de vários acontecimentos desse período, como a revolta da vacina que é a resistências da população urbana há meios de intervenção do estado através de práticas higienista e de limpeza para com o povo. Nas suas análises de notícia, César (2013) constrói a ideia de que havia códigos de postura e que eram repassados para a sociedade do Norte de Minas novos costumes em detrimento com os antigos, que passaram a ser vistos como atrasados e incomuns.

A linguagem que o Jornal utiliza proporcionará, para Fabiano Cordeiro César, uma construção simbólica de atraso e desorganização por parte da sociedade da época. O conceito de civilização é equivalente ao de desenvolvido no século XX, sendo possível compreender as ideias e indumentárias que a imprensa traz para justificar essa civilidade. Acontece que é nesse discurso de civilidade que o Estado e a camada intelectual da época produzem ações concretas que divulgaram esse ideal, sendo a Imprensa um grande exemplo disso. Para ele, no momento que os jornais norte mineiros trazem essas questões em seus noticiários produzem símbolos e ideias de sociedade para transformação de seu espaço, tanto o urbano como o rural. É possível perceber que o *Correio do Norte* delimitou e construiu uma ideia de território nesta região, sendo ele próprio o formulador de lugares mostrando que seria o Sertão do Norte de Minas e como os habitantes dessa região deviam se portar.

Há um diálogo muito intenso entre os projetos de civilidade por parte da imprensa do País e também do governo, com os jornais analisados por ele. No momento em que ele cita a revolta da vacina, comenta sobre as práticas e projetos do Estado para a limpeza, higiene e saúde da população, sendo que a revolta da vacina aconteceu durante a primeira fase da república brasileira ou República Velha, mas o seu período de Estudos é do final do século XIX. É correto afirmar que as práticas higienizadoras na população do Brasil começaram ainda no Império, mas o processo de higienização intenso com participação de pessoas voltadas para áreas da saúde e afins é superior a esse período. Ou seja, compreendo as ideologias em que o *Correio do Norte* trouxe,

sobre outra perspectiva que não retratada somente ao processo civilizador, com o teor higienista, mas sim uma produção de novos costumes que estão ligados diretamente ao âmbito da política.

Sendo assim, a Imprensa que foi analisada, é perceptível uma grande desvinculação com a grande Imprensa feita na época. Como se o Jornal do sertão do Norte de Minas não dependesse diretamente de algum órgão específico ou que seguisse esse, como é o caso do governo. Ressalto que essa imprensa nascente dessa região praticava em seus escritos certas ideias de civilidade e modernização que estavam mais envolvidas no campo ideológico do que na prática, já que a interferência do estado nesta época não era tão efetiva como posteriormente com a República.

Nesse período não identifiquei uma participação efetiva do Estado na vida do cidadão. Pois as relações desses cidadãos para com algum órgão do governo era intermediada por um grupo que estava no poder, que no caso específico estavam nas famílias que se inseriam na política, sendo o personagem principal disso, a figura do Coronel da Guarda Nacional. Sobre esse assunto, relacionado à política, vou descrever detalhadamente no terceiro capítulo.

Em relação à história da Imprensa utilizo o pensamento de Nelson Werneck Sodré para um entendimento geral acerca da Imprensa Brasileira desta época. Sobre a Imprensa do século XIX, ele enxerga que “quem controla a comunicação social controla ideologicamente a sociedade, ou seja, quem controla a mercadoria que é a informação controla o poder.” Para, além disso, ele ainda afirma que:

A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. O traço consiste na tendência à unidade e à uniformidade, à (...) universalização de valores éticos e culturais (...) [e à] padronização do comportamento. As inovações técnicas influem na tendência à uniformidade. (SODRÉ, 1999, p. 1-2)

Este foi um ponto fundamental do trabalho, já que é a partir desta influência e dominação dos indivíduos pelo jornal, sendo a principal questão trabalhada aqui. Nisto vejo que a dominação e influência que Sodré diz é o ponto ideal que sigo na concepção da pesquisa. É importante ressaltar que o período em que é retrato na pesquisa condiz com uma de importante estabilidade política no Brasil. O processo ideológico da República é cada vez maior no âmbito nacional. Sendo que nos anos de 1880 é o final do Império no país e particularmente durante o período imperial a

Imprensa teve um comportamento próprio desta época, com várias especificidades próprias características deste período.

Sendo assim, Sodré particulariza a imprensa do Império como uma fase que marcou a forma como o Jornal se constituiu no país, como foi a sua estruturação e consolidação enquanto grande rede de comunicação. Essa estrutura de fazer jornalismo respeitava e comentava prioritariamente os grandes latifundiários e escravistas da época, não sendo de um teor fortemente político, mas com certa inserção destes valores. Ao longo do tempo e principalmente com o passar do segundo reinado a Imprensa aumentou o caráter políticos de suas páginas, e com um aumento mais considerável de panfletos e pequenos jornais de oposição ao estado monarquista e ou outras práticas políticas, como é o caso do republicanismo.

Ainda em relação à imprensa no século XIX, Marta Emisia Jacinto Barbosa e Jorge Luiz Ferreira Lima (2008) relatam sobre o aumento do número de tipografias, no interior do Brasil nessa época. Eles conceituam esse tipo de jornalismo como “sertanejo” e exemplificam isso citando os jornais de Fortaleza mostrando o grande crescimento de tipografia nessa cidade desse período. Segundo eles, em Fortaleza o número de tipografias ligadas às atividades jornalísticas crescia, ao passo que muitas não sobreviviam às dificuldades financeiras, outras permaneciam imprimindo para distintos grupos chegando a imprimir para mais de um jornal. Esse período significou um momento muito importante de definição com o surgimento de jornais de cunho mais informativo começando a expor várias dificuldades de vida da população.

Os periódicos do século XIX possuíam como uma de suas principais características uma posição política definida. Diversos jornais nasciam vinculados a uma linha política, conservadora, liberal ou republicana. No final do século XIX, essa tendência se acentua no cenário nacional, principalmente com o surgimento de novos partidos políticos e devido à queda da monarquia e o surgimento da República. De acordo com César (2013), as experiências políticas eram noticiadas ao calor da hora, possibilitando ao pesquisador analisar uma nova relação no cenário nacional com o político. Quando ampliamos o entendimento dos movimentos políticos do final do século XIX, como a Revolta Armada, a Guerra do Contestado e a Revolta de Canudos, é possível verificar uma sensibilidade política de seus agentes históricos.

Dessa forma, o Jornal “O correio do Norte” surge com características semelhantes a esses jornais. Não era pretensão dos donos de utilizar o periódico como

um produto, ou algo ligado ao mercado. O jornal surge como um local de fala de grupos políticos e de famílias ligadas ao poder, justificando os domínios desse grupo bem como exaltando várias figuras de pessoas que se tornaram importantes no contexto da região nesta época.

Na primeira página de lançamento do *Correio do Norte*, em 24 de fevereiro de 1884, os editores, Antônio Augusto Veloso e Antônio Pereira dos Anjos, assumem suas posições partidárias. Ainda nessa primeira folha de inauguração do *Correio do Norte* um discurso antecede a apresentação do programa do jornal, informando que o jornal iria “advogar a prosperidade moral e material do extremo norte de Minas” (CORREIO DO NORTE, 1884, p.1). Segundo o periódico, eles iriam defender os preceitos do partido conservador na região. O programa do jornal volta-se para ações que intencionam mudanças na região, ou seja, busca aparentemente intervenções na região e população e propõe criar atividades que gerem alterações em certos itens que compõem esse programa.

Desta forma, há uma nova conjuntura e caracterização da região sobre novos olhares já que com a criação de um jornal próprio as relações de consciência social mudaram também. Passou a existir uma Imprensa própria “que fala desta gente para esta gente” e que de certa forma, era uma nova representatividade do local, já que o jornal representou algo material que desse legitimidade a esse região.

Sendo assim, visualizo uma grande intenção dos redatores e jornalistas em manter a cidade e região informada sobre acontecimentos nacionais e até internacionais do período. Percebo isto através do próprio nome do Jornal, *Correio do Norte*, que objetivava essa interação na comunicação. O periódico torna-se assim palco para a visibilidade da região no âmbito nacional. Acontece que essa legitimação, não foi feita a partir dos pensamentos dos próprios sertanejos e moradores da região. O que se vê nas páginas do *Correio do Norte* é uma produção de memória e costumes para esta gente, que não correspondia aos padrões de civilização da época.

Destacando a inovação na sociedade que o Jornal trouxe para esta época, César (2013) citando Judy Bieber, diz que “existem fortes indícios para se acreditar que a imprensa agiu como o motor da vida política no sertão”. Esse motor, ainda segundo César, funcionou dando mais velocidade às notícias. Não que o sistema de transportes tenha mudado, a notícia continuava a chegar por meio dos animais de carga, não foi essa velocidade que se alterou, mas sim, a velocidade de se conhecer o funcionamento

do jogo político em outros cenários, conhecer outros modos de vida, e conhecer a “civilização” alimentando o motor das discussões políticas e sócias internamente. Dessa maneira o Correio do Norte atendeu a uma exigência pública, pois a partir de sua inauguração o Norte de Minas passou a ter sua própria imprensa, o que caracterizava um novo local de disputas políticas e ideológicas.

Esse primeiro exemplar é muito rico em todas essas questões que estão ligados a modernização e civilização dessa região. Essa linguagem utilizada caminha nestas questões de expor necessidades que a região detém em se industrializar e estar aberta a novas formas de agriculturas existentes. Sendo assim ele propõe uma modernização por pela comunicação jornalística da época. Esta comunicação pretendia insinuar novas práticas e intervenções para agir localmente. Cabe destacar que quando essa linguagem impressa buscou criar intervenções e ações nas práticas sociais, ela se utilizou de um discurso que já detinha no cenário nacional uma legitimidade, ou seja, a civilização.

Sobre esse discurso do jornal visualizo, com base nas ponderações de Raymond Willians (1979), a linguagem enquanto atividade, desvendando os processos e as práticas sociais que articulam sua constituição e instituição em um momento histórico determinado. Sendo assim a linguagem jornalística é vista por um meio vinculado à prática e ao confronto social de dois pontos divergentes. Enquanto a Imprensa que produz sentidos e memória para o povo e as realidades vividas da população da região nesse período.

Ainda analisando a folha de abertura do primeiro exemplar do jornal *O Correio do Norte*, outra questão demonstra a intenção do periódico de estabelecer uma forma de comunicação em atividade. Essa questão seria uma suposta necessidade que o jornal viria solucionar, a de divulgar o discurso político, de socializar projetos tornando-os agradáveis ao julgamento do leitor. Essa intenção pode ser visualizada em três discursos: o Correio seria um “poderoso motor de civilização” para o norte de Minas, ele concorreria “para a educação do povo” e para os “deveres sociais” (CORREIO DO NORTE, 1884, p.1). O jornal propunha cumprir essas funções na região, o que possibilita compreender a existência de um discurso que aparentemente tinha como objetivo criar intervenções no cenário Norte mineiro, e para isso foi produzido uma imagem positiva do norte de Minas em torno, principalmente, da indústria e de exaltação das terras como sendo produtivas. Essas questões, juntamente com os

processos civilizacionais e educativos eram de muita força já que “civilização” e “educação” são palavras carregadas de significação no século XIX.

Um dos meios mais eficazes de difundir a luz da instrução, por entre o povo, é a criação de bibliotecas publicas, e gabinetes de leitura, em que todas as clases possam encontrar, nas horas de lazer, livros, jornaes, revistas, que ofereçam uma leitura útil, si é que este qualificativo e deva aplicar a alguma leitura.

Com efeito, nenhuma reflexão encerra um maior fundo de verdade que a do escritor português, no dizer que de toda pagina impressa colhe o leitor alguma utilidade. Nas grandes cidades, além de bibliotecas publicas, há os jornaes diários, vendidos por ínfimos preços, os livros usados à venda, os livros de aluguel.

No sul desta província, algumas povoações teem compreendido a influencia que exercem as bibliotecas e gabinetes de leituras, sobre o progresso; e simples arraiaes, pelos louváveis esforços de seus habitantes, são dotados de um tal melhoramento. (CORREIO DO NORTE, 1884, nº 10).

Por fim, outro ponto nas páginas do jornal que salienta a construção de uma linguagem que pretendeu criar intervenções e práticas sociais está em torno das diversas notícias que “impulsão à indústria” (CORREIO DO NORTE, 1884, p.1). Nos discursos do Correio do Norte a palavra “indústria” não estava ligada, exclusivamente, ao setor da fábrica, mas também ao setor da agricultura. Aqui, especialmente, é possível descobrir as intenções discursivas dos redatores, aparentemente no intuito de transformar seus discursos em atividades industriais. Identifiquei várias notícias incentivando a plantação de cacau, algodão, anil e trigo, dentre outros cultivos, apontam para a vontade desses homens das letras de ter uma plantação para a exportação no norte de Minas.

Nenhum território, nesta província, oferece, talvez, ao emprego da atividade do homem laborioso, mais variados objetivos, que o deste município.

Mattos de cultura de uberidade prodiginosa que, mediante diminuito esforço, foranecemas mais copiosos colheitas; campos e pastagens provavelmente, pros rios para o desenvolvimento da indústria pastoril, em alta escala: grandes florestas, ricas em toda sorte de madeira de construção, e de marcenaria; arvores e arbustos numerosos, que produzem substancias uteis a diversos misteres,- a par de outras tantas riquezas naturaes, no reino mineral-poderiam constituir um vasto manancial de rendas, se por ventura, fossem convententimente exploradas.

De parte as produções agrícolas, de que não nos ocupamos neste rápido esboço de um mais detido escripto sobre o assumpto. (CORREIO DO NORTE, 1884, nº 8).

Foi muito utilizado pelo jornal esse tipo de “propaganda” da região como território vasto para ser explorado e com grande propensão para agricultura e indústria.



Vale ressaltar essa cultura de modernidade que era exaltada e proposta pelo *Correio do Norte* sobre este período.

Outro ponto a ser destacado são os códigos de posturas veiculados nos Jornais analisados. Esses códigos segundo César foram leis formuladas pela câmara municipal e publicadas no *Correio do Norte* como forma de comunicação com a população. Mais uma vez percebo nesses códigos orientações de caráter civilizatório e de modernização desse espaço. Entre os muitos que foram utilizados vale ressaltar a publicação de 1884 número 11, onde diz que:

Faço saber a todos os habitantes deste município que em virtude da resolução, nº 2512, de 13 de novembro de 1878, da Assembléa Legislativa Provincial, foram adoptadas, como posturas da camara deste município, as disposições seguintes, concernentes a criação de porcos fora das povoações.

Art. 6º. O que fizer quaesquer plantações a distância menor de 2kilometros (...) de qualquer morador, que este crie porcos ou não, é obrigado (...) a fazer tapumes proprios para vedar a entrada de porcos nas mesmas plantações, sob pena de não ter direito algum à indemnisar-se do valor das destruições das mesmas Art. 7º. E permittido entre os visinhos convencionarem-se, ou em crear seus porcos soltos, ou em tel-os presos, devendo, porém, qualquer estipulações, neste sentido, ser escriptas e assignadas com testemunhas, sob pena de não valerem. (CORREIO DO NORTE, 1884, nº 11).

As orientações destinadas nesse texto de lei fazem referência ao espaço rural norte-mineiros, contudo essas orientações dentro das folhas dos jornais destinavam-se também à cidade de Montes Claros que estava se constituindo. Esse exemplo demonstra que as ações sobre os espaços não estava ligada somente à cidade, mas abrangiam também aos espaços rurais. A lei em questão estipulava uma forma de convívio entre vizinhos e a consequente relação entre a criação de porcos perto de plantações, ou seja, a lei buscava um controle de determinadas ações. Nesse corpo de leis publicado nos jornais, havia preocupação com os diversos povoados norte-mineiros, assim, as leis intencionavam instituir uma forma de controle das experiências rurais e urbanas no norte de Minas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intenção de criar práticas sobre os espaços seja através das normas estabelecidas pelos Códigos de Posturas, seja pelas próprias indicações que o *Correio do Norte* realizou, tornou os discursos nesses jornais agentes que produziram ações e intervenções nas práticas cotidianas dos norte mineiro. Portanto, visualizo assim a

propostas de criações de memória e modos de vidas que foram feitas por meio dessa linguagem própria do jornal. É durante esse período que compreendo uma linguagem que não se constitui apenas por questões simbólicas e de processos civilizatórios. Essas questões estão ligadas também há uma força opressiva; que no caso seria a elite intelectual da região, sendo representado pelo redator e chefe, Antônio Veloso; que pretendeu propor para essa cidade e esse povo novos costumes e relações que não estavam ligadas principalmente ao ideal civilizatório da região. Sendo assim, essas ideias muito fortes no Jornal, estar vinculada a forte presença do critério econômico, já que um dos objetivos que aparentemente o jornal trouxe foi uma aproximação de indústrias e melhoramento da agricultura da região.

Portanto, concordo com Rejane Amaral Rodrigues, na questão da imprensa como produtora de memória, que aparentemente contribuía para uma mudança desses modos de vida que eram considerados pelos jornalistas da região do Norte de Minas, como comportamentos atrasados e não correspondente como um local moderno e civilizado para a época.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. LIMA, Jorge Luis Ferreira e. **História, Imprensa, e redes de comunicação.** História & Perspectivas, Uberlândia (39): 37-57, jul. dez.2008

CÉSAR, Fabiano Cordeiro. **Linguagens impressas [manuscrito]: jornais projetos para o futuro do Norte de Minas através de qualificações/nomeações do espaço-território 1884 - 1894 /** Fabiano Cordeiro César. – 2013.

**Jornal Correio do Norte 1884 – 1885 – 1886 – 1889 – 1891.** Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Memórias em disputa: transformando modos de vida no sertão e na cidade.** Tese de Doutorado. Uberlândia, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.